

Gespräch/Entrevista com Nathalie Fari, Performance-Künstlerin¹

Marianne Stüve (MS) im Gespräch mit Nathalie Fari (NF)

MS: Du bist glaube ich in Brasilien aufgewachsen, zumindest hast du einen großen Teil Deines Lebens dort verbracht. Wann hast Du entdeckt, dass Du künstlerisches Talent hast, und wie bist Du zu Performance und Tanz gekommen?

NF: Ich bin in São Paulo geboren, wo ich bis zu meinem 29. Lebensjahr gelebt habe. Schon als ich Kind war, war ich körperlich immer tätig. Mein erster Traum war Profi-Turnerin zu werden..., aber da es zu meiner Zeit keine richtige Schulen gab, hab ich mit Jazz-Tanz begonnen, was ich auch intensiv bis 18 Jahre betrieben habe. Zu Hause hatte ich die Gewohnheit kleine Aufführungen vorzubereiten oder einfach Stunden lang im Wohnzimmer zu tanzen..., das improvisieren lag mir schon immer besonders.

Die Wahl zur Performance ist erst während des Studiums geschehen, während ich die Schule (Centro de Pesquisa Teatral) von Antunes Filho besuchte. Damals war ich im Theater und in der Kunst tätig und ich konnte mich nicht so richtig entscheiden..., aber mit der Performance-Arbeit konnte ich Beides vereinen.

MS: Du bist seit einigen Jahren in Berlin. Hat Brasilien Dich "losgelassen"?

NF: Ich bin seit vier Jahren in Berlin und Brasilien hat mich bis jetzt nicht richtig losgelassen, aber das will ich auch gar nicht. Ich bin hier hergekommen, um zu "addieren" und nicht zu "subtrahieren". Ich habe in São Paulo sehr vieles gemacht und erlebt, was man nicht so einfach vergisst. Und auf Dauer möchte ich gerne beruflich pendeln können.

MS: Was willst Du mit diesem Medium Tanz ausdrücken?

NF: Ich würde dieses Medium nicht unbedingt Tanz nennen, weil ich nicht mit Choreographie arbeite, sondern eher mit Körper-Ausdruck und Körper-Präsenz. Die einzige Tanz-Richtung, die mich bis heute noch inspiriert ist Butoh, was ich auch eine Zeit lang gemacht habe.

Das Butoh hat mir beigebracht, wie man mit dem Körper Bilder schafft und wie man mit der "Seele" tanzt - so sehe ich mich als eine Art Spiegel, der nicht nur den Moment reflektiert, sondern auch dem Zuschauer die Möglichkeit gibt, seine eigenen Bilder zu kreieren. Für mich ist die Empfindung wichtiger als die Form.

MS: In dem Wasser-Projekt von Ponte Cultura ist ja eindeutig ein sehr ökologisches Thema angesprochen. Kannst Du Dich damit identifizieren?

NF: Ja sehr!!! Das Thema Wasser hat mich schon immer beschäftigt, speziell da ich Gläubige von der afro-brasilianischen Meeres-Göttin Iemanjá bin!

MS: Welches sind Deine Schwerpunktthemen bisher gewesen?

NF: In Brasilien habe ich mich intensiv mit Mythen und Symbolen beschäftigt, immer aus einer zeitgenössischen Perspektive. Dazu habe ich mich zwei Jahre mit Alchemie befasst, was ich auch in einem artist-in-residence Programm umsetzen konnte.

Seit ich in Deutschland lebe, hat sich mein Schwerpunkt auf andere Themen verlegt, eher sozial-politisch, sowie auch "interkulturell". Eigentlich wandere ich seit einer Zeit vom "Abstrakten" ins "Konkrete" - Brasilien ist sowieso viel mystischer und religiöser wie Deutschland, während Deutschland viel rationeller und "bodenständiger" ist; eine gute Mischung.

MS: Du wirst zusammen mit dem Musiker Klaus Treuheit aus Erlangen performen. Hast Du bereits Erfahrung mit dieser abstrakten neuen Musik? Gefällt sie Dir?

¹ Erschienen im Portal Jetzt Kunst: <file:///Users/nathaliesuck/Desktop/Gespräch:entrevista%20com%20Nathalie%20Fari,%20Performance%20Künstlerin%20%7C%20jetztkunst-art.com.webarchive>

NF: *Ja, ich habe viel Erfahrung mit dieser abstrakten Musik in Brasilien gesammelt. Habe schon mit mehreren Free-Jazz Musikern und "avangardisten" gearbeitet, da ich eben viel mit Improvisation zu tun hatte.*

MS: *ist diese Musik in Brasilien - dem Land der Rhythmen und des Samba akzeptiert?*

NF: *Es ist auf jedem Fall keine populäre Musik, sondern eher in kleinen Kreisen vertreten. Trotzdem gibt es eine relativ große Gemeinschaft, die sich dieser Musik widmet.*

MS: *Inwieweit siehst Du Dich als zeitgenössische Künstlerin? -*

NF: *In dem ich meinen Blick nach "vorne" richte und gleichzeitig nach "innen", um wiederum diesen mehrfachen Blick zu brechen. Die Tradition dient für mich als Referenz, aber nicht als vorgegebene Struktur. Dafür bin ich zu eigenwillig und Experiment-freudig.*

português:

MS: *Eu acho, que você cresceu no Brasil, pelo menos passou uma boa parte de sua vida lá. Quando você descobriu o seu talento artístico, e como você optou pela Performance e Dança?*

NF: *Eu nasci em São Paulo, onde eu vivi até os meus 29 anos de idade. Desde criança eu sempre trabalhei com o corpo. Meu primeiro sonho era ser ginasta profissional... mas como naquela época não existiam boas escolas, eu comecei a aprender "Jazz", o que eu pratiquei até os 18 anos. Em casa eu tinha o costume de criar pequenas apresentações ou simplesmente de dançar durante horas na sala.... Improvisação sempre foi o meu forte.*

A escolha pela Performance deu-se somente quando eu estava estudando no Centro de Pesquisa Teatral do Antunes Filho. Como naquela época eu fazia tanto teatro, como artes plásticas, era muito difícil para mim tomar uma decisão..., mas com o trabalho da Performance eu pude unir as duas linguagens.

MS: *Você está em Berlim há algum tempo. Você acha que o Brasil te "largou"?*

NF: *Estou há quatro anos aqui e até agora, o Brasil não largou de mim e eu nem quero, que isso aconteça. Eu vim para Berlim para "somar" e não para "subtrair". Em São Paulo eu fui muito ativa, colhendo muitas experiências boas, as quais não se esquece tão facilmente. E futuramente eu gostaria de poder trabalhar nos dois lugares.*

MS: *O que você quer expressar com o meio da Dança?*

NF: *Eu não chamaria aquilo que eu faço de Dança, porque eu não trabalho com coreografia, mas sim com expressão corporal. A única forma de Dança, que me atrai até hoje é o Butoh, o que eu também aprendi no CPT.*

O Butoh me ensinou a criar imagens com o corpo e a dançar com a "alma" – portanto eu me vejo como uma espécie de espelho, que não só reflete o momento, mas que também dá ao espectador a possibilidade dele criar as suas próprias imagens. A sensação é mais importante para mim do que a forma.

MS: *No projeto ÁGUA da Ponte Cultura aborda-se especialmente um tema ecológico. Você consegue identificar-se com isso?*

NF: *Sim claro!! Sempre me ocupei com esse tema, ainda mais por ser devota de Iêmanjá.*

MS: *Quais eram seus temas prediletos até agora?*

NF: *No Brasil trabalhei intensivamente com mitos e símbolos, sempre a partir de uma perspectiva contemporânea. Cheguei até a estudar por alguns anos alquimia, o que cheguei a aplicar num programa de residência artística.*

Desde que vivo na Alemanha, o meu foco tem sido temas mais filosóficos, políticos ou também interculturais. Na verdade estou caminhando do "abstrato" para o "concreto" – o Brasil em geral é mais místico e religioso, enquanto a Alemanha é mais racional e "ligada à terra"; isso é uma boa mistura.

MS: Você vai atuar com o músico Klaus Treuheit de Erlangen. Você já tem experiência com este tipo de música abstrata? Você gosta dela?

NF: Sim, no Brasil eu tive várias experiências com esse tipo de música, principalmente pelo fato de ter trabalhado com diversos músicos “avandgardistas” ou do vulgo „Free-Jazz“.

MS: Esta música é aceita no Brasil, no País dos ritmo e do samba?

NF: Bem não trata-se de música popular, mas sim de um público específico. Porém existe uma comunidade razoavelmente grande, que dedica-se a esta música.

MS: Até que ponto você se considera uma artista contemporânea?

NF: Enquanto eu dirijo o meu olhar para “frente” e ao mesmo tempo para “dentro”, eu procuro quebrar essa dupla visão. A tradição serve para mim como referência e não como uma estrutura rígida. Para isso eu sou teimosa demais e aberta para o experimentalismo.